

O Protagonismo feminino na cultura de Carimbó: A voz da Resistência de Dona Onete,
uma poetisa cabocla da Amazônia paraense.

Francisco Santos Borges¹

Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja²

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o resultado de um estudo exploratório, a partir da análise de textos e de escritoras que compõe a literatura paraense, em específico, os textos poéticos de autoria feminina, onde na presente investigação corroboramos para a perpetuação da escrita de mulheres ribeirinhas da Amazônia a partir dos escritos de Dona Onete, a poetisa cabocla do Pará. A investigação, em seu percurso teórico-crítico e metodológico, trará uma historiografia pessoal da mulher poetisa cantadeira e dançadeira de Carimbó, enfatizando, em suas construções poéticas, fragmentos que corroborem para a percepção do espaço e da voz da mulher cabocla/ribeirinha na produção literária nacional, uma literatura que nos possibilite a reivindicação, a aceitação e a valorização dos escritos literários de autoria feminina paraense.

O diálogo teórico será com Sarmento-Pantoja (2012), Seligmann-Silva (2003), Zumthor (2007) entre outros. Abordaremos a memória de resistência nas artes a partir dos escritos de Dona Onete, corroborando para as investigações que ressaltem a voz persistente da mulher frente ao cânone literário machista brasileiro. Dentre as questões que nortearão o presente diálogo, enfatizamos: Qual o espaço da mulher poetisa cabocla da Amazônia nas produções acadêmicas a nível de Mestrado e Doutorado? O que dizem as narrativas da poetisa cabocla do Pará?

Diante do objeto de investigação, trazemos a seguinte problematização em estudo: Qual o espaço da mulher poetisa cabocla da Amazônia paraense? Assim sendo, promovemos uma reflexão sobre o espaço da escrita feminina ribeirinha paraense frente ao cânone literário machista do país.

¹ Doutorando em Estudos Literários (PPGL/UFPA). Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). Mestre em Estudos Literários (PPGLET/UNIFAP). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros (NEAB/UFPA). E-mail: prof.franciscoborges@gmail.com

² Professor Adjunto IV, de Literatura, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Letras (FALE) e Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), no Instituto de Letras e Comunicação (ILC). Doutor em Teoria e História da Literatura (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos Literários (PPGL/UFPA). E-mail: a.sarmentopantoja@gmail.com

Estes escritos analisam a protagonismo feminino na cultura do carimbó³ do estado do Pará e enfatizam a escrita da mulher poetisa na composição dos versos e canções, responsável pelo cantar das tradições que reflete a luz do texto performático e cria símbolos diante do rito cultural na imersão amazônica paraense. Falamos da mulher cantadeira, compositora pertencente a grupo tradicional e propagadora da manifestação cultural investigada. Esta mulher traz na escrita, textos que contam sua história, que permitem reviver trajetórias e despertam memórias no perpetuar da tradição ancestral a cada entoar do canto caboclo.

Para analisar e perceber o espaço da poesia cabocla no enfatizar da voz de resistência da mulher carimbozeira, trago a figura de Ionete da Silveira Gama, musicista, compositora, cantadeira, dançadeira e poetisa paraense. Dona Onete está imersa na cultura do Carimbo, símbolo cultural paraense que representa o entoar da voz ribeirinha/cabocla neste espaço da Amazônia.

Abordamos um estudo bibliográfico (Estado da arte/mapeamento de pesquisas), situando escritas femininas (Cabocla/ribeirinha) nas produções acadêmicas. Neste viés, pontuo escritos encontrados a respeito do que abordo nesta investigação e mostro o diferencial de situar a escrita da mulher cabocla propagadora de sua tradição, no meio acadêmico. Durante a problematização do estudo, dialogamos com autores que nos permitem perceber o espaço das narrativas cantadas, fragmentos de corpo e performance da figura feminina na escrita, propagadas a partir de mulheres que se dedicam a prática da cultura amazônica.

Dona Onete perpetua a presença feminina da/na Amazônia e corrobora, a partir de seus escritos, para a compreensão do fenômeno cultural imaterial do Pará. Durante os escritos, situo a escrita feminina cabocla na academia na percepção do lugar de fala e das histórias e memórias dos grupos sociais que se dedicam a cultura do Carimbó.

PERCURSO TEÓRICO-CRÍTICO E METODOLÓGICO

“[...] Tanto a oratória quanto a poesia mobilizam as técnicas retóricas segundo preceitos da mimesis do gênero em que os autores se especializam, usando prosa ou versos, lugares comuns específicos, disposições sintáticas, palavras de sentido próprio e figurado, verossimilhanças e decoros particulares esperados pela audiência quando a fala do orador e o poema são proferidos, declamados, encenados ou lidos. [...]”

HANSEN (2013)

Nestes escritos, estudamos textos de autoria feminina, a escrita de mulheres poetisas da/na Amazônia. Ao situar o espaço da poetisa supramencionada, inicialmente, nos preocupamos em mapear produções acadêmicas acerca do constructo cultural, bens imaterial da Amazônia.

³ O carimbo é conceituado como uma “[...] manifestação cultural que integra canto, música e dança, além de um “complexo” de práticas, sociabilidades, estéticas e performances características [...]”(IPHAN, 2013, p.14)

Assim sendo, realizamos o estado da arte a partir do Banco de dados de teses e dissertações da capes (2023), tendo como recorte temporal os últimos cinco anos e como descritores: 1-Carimbó, escrita feminina, poesia cabocla.

Entendemos a necessidade de problematizar o lugar de onde essa mulher fala e o grupo e/ou associação cultural das que faz parte. Diante do ensejo, propomos dialogar a partir do seguinte questionamento: Qual o espaço da mulher cabocla, escritora ribeirinha da Amazônia paraense no meio acadêmico?

A mulher carimbozeira está imersa em contexto sócio-cultural paraense, a figura feminina ribeirinha que propaga sua tradição a partir da canção cabocla na prática tradicional do Carimbó no Pará e se dedica a cantarolar suas poesias no dia-a-dia do ribeirinho paraense. As narrativas cantadas pela mulher cabocla abordam o cotidiano do homem e da mulher ribeirinhos, contam histórias e lendas presentes no cancionário popular paraense, enfatizam os saberes tradicionais e as encantarias dos banhos e cheiros oriundos da então Belém do Pará e comunidades circunvizinhas.

Por estas histórias presentes na poesia escrita e cantada no carimbó é possível reviver o passado e conhecer fragmentos históricos que nem mesmo os livros puderam contar, mas que conhecemos ao escutar a cantadeira ancestral em ação. Isso mostra que “[...] o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência [...]” (BOSI, 1994, p.21), isto é, a partir da poesia cabocla/ribeirinha é possível perceber a alegria da mulher carimbozeira ao cantar e reviver cotidianamente sua tradição e a história de seu povo as margens dos rios na Amazônia.

Para obter os primeiros resultados, utilizamos a pesquisa bibliográfica e com base nos resultados, apresentamos, em duas tabelas, o número infimo de pesquisas encontradas, o que corrobora para a necessidade de ampliação de estudos no campo das culturas do carimbó e do Marabaixo, especificamente as que mencionam textos escritos por mulheres nos ritos culturais locais, as tradicionais carimbozeiras e marabaxeiras da Amazônia.

Sobre a perspectiva de pesquisa supramencionada, pontua Ferreira (2002, p. 258) “[...] reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar [...]”. Assim, estas pesquisas ganharam cada vez mais visibilidade na academia e, nesta intenção, aparecerão para mostrar onde estão os escritos com narrativas caboclas no meio academico, isto é, a cultura do Carimbó do a partir de narrativas orais de cantadeiras e dançadeiras da Amazônia mencionadas em trabalhos academicos.

O tratamento teórico que propomos para trabalhar as narrativas cantadas da cultura do

Carimbó no Pará, nestes escritos, surge para valorizar a manifestação cultural a partir de personalidades envolvidas no ato performático investigado, observado, descrito e analisado a luz do conhecimento e tradição ancestral, a carimbozeira Dona Onete dá vida as suas narrativas, memórias e histórias na cultura da Amazônia.

O campo da pesquisa, a Amazônia paraense, a escolha do campo de pesquisa, pelas histórias de mulheres carimbozeiras em seus respectivos lugares de fala, assim como coleta de dados e tratamento para os resultados seguiram o método da pesquisa exploratória (Estudo bibliográfico - estado da arte – mapeamento de pesquisas).

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os resultados desta pesquisa aparecem conforme pontuamos a seguir: 1 – Primeiro chamamos a atenção para o estado da arte conforme o estudo bibliográfico e mapeamento de pesquisas realizado de acordo com o Banco de dados de Teses e Dissertações da Capes (2023); 2 – Segundo, descrevemos, analisamos e dialogamos com fragmentos de textos escritos pela poetisa cabocla investigada.

Estudo Bibliográfico (Estado da arte da cultura cabocla da/na Amazônia paraense)

No estudo bibliográfico, os discursos nos trabalhos foram analisados mediante os descritores, levamos em consideração os escritos que discorriam sobre a escrita cabocla na prática e autoria feminina, mencionando Carimbozeiras e especificamente das pesquisas que tinham como objeto de estudo as poesias cantadas de mulheres na manifestação cultural investigada.

Neste viés, o estado da arte contribui para mostrar o espaço da mulher escritora (Cabocla/ribeirinha), no meio acadêmico, quando localizamos escritos de mulheres carimbozeiras. Desta feita, entendo e enfatizamos a necessidade de estudos na academia, pesquisas que discorram acerca do ato cultural ancestral a partir das poesias escritas e cantadas de guardiãs da manifestação cultural local, uma velha carimbozeira da Amazônia paraense revelando, o que dizem esta narrativa poética feminina.

Com a cultura do Carimbó, o foco exploratório foi na figura feminina cantadeira e dançadeira da Amazônia paraense, a mulher carimbozeira do estado do Pará que, com suas poesias escritas e cantadas, corrobora para a perpetuação das tradições locais, onde enfatizo as produções escritas e orais musicalizadas de dona Onete, mulher poetisa cantadeira e dançadeira.

As pesquisas do estado da arte, ainda no entendimento de Ferreira (2002, p. 258), são “[...] definidas como de caráter bibliográfico [...]”, realizadas, nesta investigação, a partir do banco de dados de teses e dissertações da Capes (2023), tendo como recorte temporal os anos de 2018 a 2022. Os resultados do estudo bibliográfico, neste primeiro momento, surgiram a partir dos descritores: Carimbó, escrita feminina e poesia cabocla, enfatizando, a partir da análise, quais investigações, mencionam a poesia de cantadeiras e dançadeiras do Carimbó no estado do Pará.

Abaixo, apresentamos à tabela desta investigação, extremamente necessária nestes escritos, pois menciona pesquisas encontradas a partir dos descritores supramencionados.

Tabela 1: Tabela com a fonte de pesquisa, região, universidade e conceito. Carimbozeiras, Borges (2023).

TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	DATA DE DEFESA	BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA
Marapanim Terra do Carimbó: ensaios de Geografias e Culturas	Carimbó; Marapanim; Território.	05/04/2018	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
A invenção do Carimbó: Música Popular, Folclore e Produção Fonográfica (Século XX)	Carimbó; Música Popular; Folclore; Produção Fonográfica	28/05/2019	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
O Carimbó é do Carimbó: Culturas, Saberes e Política	Campo daS Culturas; Carimbó; Carimbozeiras; Saberes; Direitos; Políticas	30/09/2019	Biblioteca Central e Biblioteca do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará
Rezando, Cantando e Dançando: na espetacularidade do estandarte da irmandade de Carimbó de São Benedito em Santarém Novo-PA	Estandarte; Espetacularidade; São Benedito; Carimbó; Matrizes Culturais.	25/01/2021	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
Guitarra e Tambor: Territorialidade e expressões do Carimbó em Belém-PA	Carimbó; Música Popular; territorialidade; Geografia Cultural.	01/03/2021	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
A Emersão do Carimbó Urbano: um gênero Marginal do Carimbó	Carimbó; Urbano; Gênero; Caruana; Cobra Venenosa.	05/11/2021	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
Feminino pau e Corda na Amazônia: As Sereias de Vila Silva tocadoras de Carimbó		24/11/2021	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
O carimbó e a representação da imagem para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial	Carimbó; Patrimônio Imaterial; Salvaguarda. Imagem; Representação	22/02/2022	Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará
ENTRE O CONTO E O CANTO: os diálogos entre	Tema; Memória; Narrativas orais; Carimbó; Vozes Poética	06/12/2022	Biblioteca Central da Universidade

Tema e Memória em narrativas orais e narrativas cantadas dos Mestres de Carimbó da Amazônia Paraense			Federal do Pará
--	--	--	-----------------

Fonte: Banco de Dados de Teses e Dissertações da Capes (2023)

Com o caráter exploratório pontuado acima, enfatizamos o contato destes escritos através do estudo bibliográfico e com a análise, percebemos que, mesmo diante da contribuição apresentada por tais, ao mencionar a cultura do Carimbó paraense, a poesia da mulher carimbozeira, cantadeira, ainda é pouco mencionada em textos acadêmicos no nível pesquisado, sendo assim, corroboramos para a necessidade de ampliação de pesquisas que mencionem narrativas de mulheres cantadeiras e dançadeiras da Amazônia paraense.

O Carimbó é um movimento cultural tradicional paraense, onde as carimbozeiras revelam toda a sensualidade, a graciosidade do compassar dos pés com os corpos debruçados frente a um cavalheiro que a corteja e circula ao redor das longas saias maliciosas, embebidas do corpo dançante, que tentam cobri-lo durante a coreografia e este, foge a todo instante, da sedução da mulher nortista.

Ao falar de Carimbó, nos propomos, nestes escritos, a localizar perspectivas femininas a partir do elo cultural amazônico. Desta forma, enfatizamos o canto caboclo paraense, ao pontuar o teor memorialístico presente na poesia ribeirinha, ao mencionar a cantoria a partir de composições ribeirinhas e o foco no pertencimento ancestral de tail manifestação.

Vozes de resistência feminina da/na Amazônia (A poesia cabocla cantada)

Neste segundo momento dos resultados, pontuamos fragmentos da escrita cabocla ao dicorrer sobre vozes femininas na cultura do Carimbó da Amazônia. Falamos de uma escritora que luta cotidianamente para manter viva a sua cultura, a sua história, a sua literatura, a sua tradição, a perpetuação dos valores ancestrais revelados a partir da prática do ato cultural, ao cantar e dançar embebida da tradição do lugar, isto é, a Amazônia paraense.

Com a cultura do Carimbó, o foco desta pesquisa é na figura feminina cantadeira e dançadeira da Amazônia paraense, a mulher carimbozeira do estado do Pará que corrobora para a perpetuação das tradições locais, onde enfatizo os escritos de dona Onete, mulher poetisa, cantadeira e dançadeira. Enfatizamos a poesia escrita e cantada da mulher carimbozeira que seduz, encanta e diante do ato performático na dança do Carimbó conta, a partir das canções, feitos do cotidiano, os costumes dos caboclos ribeirinhos entre suas vivências as margens dos

rios imersos na tradição de seu povo.

Dona Onete é natural de Cachoeira do Arari, Ilha do Marajó, sempre carregou consigo o dom de cantar e escrever composições musicais. Professora de história aposentada, caminhou por território paraense, passando por Igarapé Mirim até chegar à capital do estado do Pará, onde vive atualmente. Com alegria, revela como a música entrou na sua vida e sua afinidade “[...] *Eu não toco nada, nenhum instrumento, não sei qual é o tom, se é maior, se é menor, não sei nada, só sei que a música entrou na minha vida de um jeito, que ficou [...]*”.

“[...] Um dia eu estava em casa cantando minhas músicas de rotina, aí ouviram eu cantando, pra eles pareciam uma mulher nova, aí desceram dois e foram ver, chegaram lá, acho que eu já tinha setenta anos, é, eu já tinha setenta anos, ficaram surpresos, gente não é nova [...]”

(GAMA, Ionete da Silveira. Entrevista Narrativa. Belém – PA, 20 de Maio de 2023)

Ionete da Silveira Gama carrega consigo fragmentos de uma história de superação, uma mulher que encontrou na música a coragem para entoar seu grito de liberdade e viver praticando o que sempre almejou e sonhou. Da carreira docente ao canto caboclo, dona Onete traz em suas poesias cantadas a história de seu povo, vivências e saberes tradicionais, encantos amazônicos e feitiçarias das iguarias locais, além de perpetuar a voz cabocla da resistência feminina nas artes.

*“Quem é essa mulher?
Me diga, garçom
Que aparece e desaparece
Nas noites de luar
Seduz e vai embora
Deixando no ar o seu perfume
Aquela boca vermelha, melancia era o batom [...]”*

(GAMA, Ionete da Silveira, Maio 2023).

Essa mulher, descrita no fragmento acima, é uma poetisa cabocla da Amazônia, dona Onete, escritora que se debruça na escrita dos próprios versos musicais e na dança da carimbozeira ao performar o ato cultural ribeirinho paraense. O batom vermelho é marca da euforia, da ousadia feminina e na poesia acima perpetua a voz de resistência da mulher ao entoar o grito de liberdade e independência deixando a submissão vivida por anos e cantando as vivências da carimbozeira que superou barreiras.

Na poesia da cabocla cantada vemos e entendemos o significado de “feitiço caboclo” utilizado pela escritora ribeirinha ao enfatizar iguarias e encantarias vendidas na feira do ver-o-peso, em Belém do Pará, ponto turístico e atrativo do lugar. No fragmento de canto poético abaixo, a cantadeira de carimbo revela os saberes caboclos embebidos da feitiçaria ribeirinha,

O Chá do Tamaquaré
É um chá muito louco
É um feitiço Caboclo
Que só tem no Pará
Vai na banca de cheiro lá do Ver-o-Peso
Você vai encontra
Tem Tamaquaré na rede
É só embalar
Tem Tamaquaré na água
Pra fazer o Chá
Tem pó de Tamaquaré
Pra botar no café

(GAMA, Ionete da Silveira, Maio 2023).

Vozes como a da escritora cabocla já vem há algum tempo lutando pelo seu espaço na sociedade, são mulheres que lutam para perpetuar a identidade cultural de seu grupo social. Dona Onete só teve sua primeira publicação de poesia cantada em 2012 aos 73 anos de idade, que nos leva a reflexão realizada por Djamila Ribeiro (2017, p.16) ao mencionar que “[...] as vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico já falavam há muito tempo. A questão a ser formulada é: por que demoraram tanto a serem ouvidas? [...]”.

Nas cantorias caboclas muitos saberes tradicionais repassados e histórias locais contadas, abordando assim o teor testemunhal de populações tradicionais, isto é, o narrar acontecimentos, feitos vividos contribuindo para a formação de uma literatura regional. Sobre este processo, Sarmiento-Pantoja (2021, p. 115) ao dialogar com Seligmann-Silva (2003) cita “[...] para além da existência de uma literatura de testemunho, pensada e expressa sob a alínea do teor de verdade, podemos encontrar também o que ele chama de teor testemunhal [...]”

Considerações finais

“[...] A palavra da poesia que se localiza na oralidade possui uma capacidade ímpar de ser recebida pelo ouvinte, muitas vezes, essa forma de recepção tende a ser mais profunda do que uma palavra poética escrita, cuja oralidade está aparentemente adormecida pela também aparente ausência de uma voz sonora [...]”

ZUMTHOR (2007)

A poesia oral cantada cabocla/ribeirinha revela vozes femininas em um espaço da Amazônia que ainda tem muito a crescer e contribuir para a formação de uma literatura regional/nacional. Reiteramos que a palavra da poesia, assim como afirma Zumthor (2007) é recebida com mais intensidade por quem a escuta, desta forma, ressaltamos as narrativas cantadas da poetisa estudada como primordial para ampliação de uma literatura da/na Amazônia.

O espaço das poesias cantadas por mulheres no Carimbo tem muito a ser ampliado ainda e cabe a nós estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores optar por temáticas afins

de estudo e corroborar para que vozes como a de Dona Onete, para que contem ainda mais histórias e ganhem mais visibilidade na academia.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

IPHAN. **Dossiê Carimbó – Inventário Nacional de Referências Culturais**. Belém: 2013.

HANSEN, J. A. **Instituição retórica, técnica retórica, discurso**. Matraca, Rio de Janeiro, v. 20, n. 33, p. 11-46, 2013.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **Entre frestas: considerações sobre o teor ficcional, o teor de verdade e o teor testemunhal**. Revista Moara, n. 56, vol. 2, jul, p. 112-139, 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). 2003. História, Memória, Literatura. **O testemunho na era das catástrofes**, Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suelv Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.